

VARIAÇÃO NA LÍNGUA: UM ESTUDO ALÉM DO OLHAR SOCIOLINGÜÍSTICO¹

Jadione Cordeiro de Almeida (UEFS)

jadionealmeida@gmail.com

Josane Moreira de Oliveira (UEFS)

josanemoreira@aol.com

1. Introdução

Este trabalho apresenta *resultados preliminares* dos dados e da respectiva análise desta pesquisa. Ele surgiu da necessidade de observar brevemente a variação linguística com um olhar multifacetado, uma vez que as disciplinas na contemporaneidade não devem ser concebidas como estanques, mas como complementares.

O *corpus* em análise é composto por cartas escritas por alunos e colegas de mesma sala e ao diretor de um *campus* universitário. Essa amostra possibilitou identificar elementos que fazem parte da materialidade do texto, um discurso (in)formal ou misto, numa tentativa de complementar a ideia tradicional de que especialmente as “metáforas”, a “intertextualidade”, entre outros recursos da língua, são merecedores da constituição dos discursos.

Tendo como objeto de estudo *o comportamento linguístico como constituinte do discurso (in)formal ou misto* numa perspectiva interacional a partir dos postulados da ACD, esta análise considerou entre os expoentes *diretamente relacionados ao tema*: (FAIRCLOUGH, 2001), da análise crítica do discurso e (GOFFMAN; GUMPERZ, 2002), numa abordagem interacional.

¹ Muitas observações (análises) sobre os dados, bem como algumas reflexões necessárias – que melhor justificam a relação entre variação linguística a AD, ACD, Sociolinguística (interacional) e outras não mencionadas no corpo do artigo, como a Sociologia e a Filosofia – não figuram neste trabalho pelas limitações a respeito da extensão dos artigos a serem publicados.

2. *O linguístico na construção do discurso*

Esta seção se propõe (despretensiosamente) a tratar da relação entre o discurso e variação linguística uma vez que, na origem da análise do discurso da linha francesa, a integração entre *lingüística*, psicanálise e história constituía para essa disciplina a base da construção de seu objeto de estudo: o discurso. Da mesma forma, o aspecto linguístico não fora descartado da abordagem da análise crítica do discurso, numa nova perspectiva denominada linha anglo-saxã.

Para a AD, “as marcas formais, em si, *não interessam diretamente* ao analista. O que lhe interessa é *o modo como elas estão no texto*, como elas se ‘encarnam’ no discurso” (ORLANDI, 2007, p. 90, grifo meu). Assim, a análise linguística e a análise do conteúdo se propõem ao *produto* enquanto a AD, ao estudo do *processo*.

Rejeitada a noção de sujeito inconsciente e/ou deste acometido de esquecimento postulado pela AD, a ACD traz a concepção de sujeito transformador, capaz de mudar a sociedade e a si mesmo. Nessa perspectiva, pode-se trabalhar com a ideia de que o sujeito, num processo de interação, seleciona um comportamento linguístico que lhe parece adequado ao outro e à situação. Porém, as escolhas sintáticas, lexicais, de estrutura, entre outras, parecem associar-se intimamente a uma “aparente dicotomia” proposta aqui como “macros discursos” em seus usos/materialidade: “discurso predominantemente formal” e “discurso predominantemente informal” (havendo ainda em seu uso/materialidade linguística, como *discurso misto*), aos quais se estruturariam discursos outros, *subcategorizados*, que, por questão de situação, gênero textual escolhido, etc. motivariam um comportamento linguístico do sujeito ora monitorado, ora não monitorado, ora misto. Essa classificação do discurso surge da noção da ACD de que “a prática social (*política, ideológica* etc.) é uma dimensão do evento discursivo, da mesma forma que o texto” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 99, grifo meu).

3. *Comportamento linguístico e práticas sociais*

Toda sociedade dita o comportamento daqueles que a compõe, o resultado, logo, é o que social e culturalmente diferencia um povo de outro, as regiões, ou até mesmo famílias de uma mesma comunidade. Com o comportamento linguístico não seria diferente. Desde a infância, as práticas do cotidiano em sociedade revelam à criança formas de pedir e,

consequentemente, de ser ouvido e/ou atendido. “Muitas das práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar as refeições etc.) são do tipo tática. [...] Essas performances operacionais dependem de saberes muito antigos” (CERTEAU, 1994, p.47). Nessa perspectiva, o autor ratifica a necessidade de o indivíduo conhecer as convenções sociais legitimadas pela sociedade (comunidade) em que está inserido, pois, só dessa maneira, ele conseguirá ser aceito como membro desse espaço e, dessa forma, ser ouvido e/ou acreditado.

Conhecer e reconhecer a aceitabilidade de um comportamento linguístico implica proximidade com a cultura do outro. No mercado escolar, por exemplo, espera-se por um “legado histórico”, que se utilize a variante de prestígio social, embora o dialeto culto não seja o vernáculo propriamente falado pela maioria dos nativos em situações naturais (TARALLO, 2007, p. 19). Nessa perspectiva, “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 1985, p. 4). Dito assim, a variedade linguística inculta e/ou não padrão é desvalorizada, quando não discriminada, pois representa o falar daqueles que, em princípio, nasceram em localidades rurais e não alcançaram o nível superior, em suma, a variedade linguística culta e/ou padrão é aquela “hipoteticamente” utilizada pela camada econômica e socialmente favorecida, logo, investida desse poder, essa classe ao longo dos séculos impusera sua cultura erudita como oficial, ou propriamente, como sinônimo de cultura, e, consequentemente seu comportamento linguístico como superior (oficial) ao das camadas desfavorecidas da sociedade. Nesse sentido, (GUMPERZ, 2002, p. 150, grifo meu) enfatiza a necessidade desses conhecimentos linguísticos frente à competência comunicativa em situações das práticas discursivas:

A diversidade linguística funciona como um recurso comunicativo nas interações verbais do dia-a-dia no sentido de que, numa conversa, os interlocutores – para categorizar eventos, inferir intenções e apreender expectativas sobre o que poderá ocorrer em seguida – *se baseiam em conhecimentos e estereótipos* relativos às diferentes maneiras de falar.

Embora seja comum a discriminação até mesmo pelos professores, independentemente de sua origem, pelos dialetos não padrão utilizado por seus alunos (LYONS, 2009, p. 214), na atualidade, (BORTONIRICARDO, 2005, p. 175) chama a atenção para o avanço do olhar dos estudiosos da linguagem para a aceitação e o interesse pelo estudo da variação linguística, uma vez que no passado ela fora considerada “uma ruptura da unidade do sistema”. Nas palavras da autora, essa variação

cumpra suas finalidades: “(a) ampliar a eficácia de sua comunicação e (b) marcar sua identidade social” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 175). Mesmo legitimada pelos estudiosos da área, estudada nos cursos de Letras e figurada como componente curricular no ensino médio público e particular no Brasil, a variação linguística ou o uso do dialeto não padrão, em algumas práticas sociais (práticas discursivas), ainda encontra pouca aceitação pelos falantes muitas vezes nas práticas cotidianas.

Com base nessa discussão relacionando variação linguística, discurso e prática social, tendo o *sujeito como consciente* de suas estratégias discursivas, a seção a seguir descreverá o *corpus* desta pesquisa e – brevemente – as respectivas estratégias discursivas e/ou argumentativas que fazem dos textos analisados um processo com características em comum que dão a eles o caráter de discurso formal, informal e, em poucas ocorrências, como discurso misto.

4. *Estratégias linguísticas, interação e a construção do discurso (in)formal*

Os resultados expostos a seguir advêm da comparação de dez cartas, escritas por alunos, direcionadas a colegas da mesma sala de aula do 6ª série/ 7º ano de um colégio particular localizado na cidade de Conceição do Coité – BA. Além dessas cartas, os mesmos alunos escreveram, a pedido do professor de Língua Portuguesa, um número igual de cartas ao diretor de um *campus* universitário localizado na mesma cidade com a finalidade de solicitar à direção da faculdade a autorização para que os alunos pudessem utilizar o laboratório de informática daquela unidade de ensino. A composição do *corpus* tem como finalidade demonstrar as principais diferenças do comportamento linguístico e/ou estratégias discursivas mediante relação de poder e de interação em situações convencionalmente formais ou não.

Entre os três aspectos dos efeitos constitutivos do discurso e as funções da linguagem classificados por (FAIRCLOUGH, 2001, p.91-2), esta abordagem fará uso respectivamente das “relações sociais entre as pessoas” e da função “relacional”. Nesse sentido, (CERTEAU, 1994, p. 40) destaca entre as quatro características do ato enunciativo, comuns “também em muitas outras práticas (caminhar, cozinhar etc.)”, o fato de que ele se estabelece num “contato com o outro (o interlocutor) numa rede de lugares e de relações”. Essa rede de relações entre quem escreve e o destinatário, nesta pesquisa, envolve relações de poder ora aparente-

mente igualitárias (entre os colegas) e de *status* de superioridade na relação entre o diretor do *campus* e os mesmos alunos supracitados. Essa relação de poder fica mais evidente, pois o teor das cartas dirigidas a este tem como finalidade um pedido, nessa interação, *solicitar* hipoteticamente deixa o remetente em condição “inferior” socialmente perante o destinatário em tais circunstâncias. Consciente dos valores socio-historicamente atribuídos a ambos os destinatários, os remetentes demonstraram comportamentos linguísticos e/ou discursivos eventualmente diferentes.

Por considerar a variável interlocutor (in)formal e (des)conhecido, as relações de poder entre eles, o tópico (assunto) e, principalmente, o valor atribuído às estratégias linguísticas/discursivas utilizadas nas cartas, este trabalho tomou também como abordagem teórico-metodológica a sociolinguística interacional associada a noções da metodologia da sociolinguística quantitativa, uma vez que, além da performance individual, o *comportamento coletivo* dos indivíduos quantificado indicaria, por meio das semelhantes estratégias escolhidas por eles, uma “*unidade discursiva*” quanto à forma.

As estratégias linguísticas/discursivas controladas neste trabalho levaram em consideração: (a) o *nível de intimidade* (uso de diminutivos, aumentativos e superlativos; despedidas; pronomes de tratamento e de “relacionamento”: *você, tu ~ senhor*); (b) *nível de tensão* (uso de gírias, internetês, abreviações, ortografia); (c) *relação de poder* (imperativo ~ forma polida, ambos com sentidos opostos); (d) *marca de expressividade* (interjeição); (e) *nível de monitoramento* quanto a variáveis linguísticas tidas como “legitimadas” (*nós ~ a gente; vou, verbo principal ou auxiliar, ~ irei* e variações sintéticas, como equivalentes semanticamente). Tal classificação, porém, não descarta evidentemente relação entre elas.

Num controle apenas por porcentagem – não desmerecendo, porém, a interferência de outras variáveis como gênero, classe social, entre outras comuns à abordagem sociolinguística laboviana, pois o que se busca com o resultado é uma tendência coletiva dos indivíduos – o número de ocorrências apenas contabilizadas *sem variação praticamente* (tabela 01), e *com variação* (tabela 02) ficou assim distribuído:

Tabela 01: Variedades (mais) comuns ao discurso informal

Aspecto: número total de ocorrência	Carta ao colega Ocorrência/ porcentagem	Carta ao diretor Ocorrência/ porcentagem
gírias, internetês, abreviação:63	60/63 ¹ ou 95.23%	03/ 63 ou 4.76%
diminutivo, aumentativo, superlativo:03	03/03 ou 100%	00/03 ou 00%
“desvios” ortográficos:29	22/29 ou 75.86%	07/29 ou 24,13%
Interjeição:04	04/04 ou 100%	00/04 ou 00%

Tabela 02: Variedades comuns ao discurso (in)formal

Aspecto	Carta ao colega Ocorrência/porcentagem		Carta ao diretor Ocorrência/porcentagem	
	Variante padrão/formal/ - intimidade ou - polidez	Variante não padrão/informal/ + intimidade ou + polidez	Variante padrão/formal - intimidade ou - polidez	Variante não padrão/informal + intimidade ou + polidez
imperativo ~ por favor	05/05 ou 100%	00/05 ou 00%	02/03 ou 66.66%	01/03 ou 33.33%
a gente ~ nós	04/10 ou 40%	06/10 ou 60%	01/35 ou 2.85%	34/35 ou 97.14%
vou ~ irei e variações e- quivalente	21/27 ou 77.77%	06/27 ou 22.22%	03/19 ou 15.78%	16/19 ou 84.21%
despedida in- formal ~ formal	08/08 ou 100%	00/08 ou 00%	01/10 ou 10%	09/10 ou 90%
pron. de tra. e relc.: você, tu ~ senhor	25/27 ou 92.59%	02/27 ou 7.40%	02/43 ou 4.65%	41/43 ou 95.34%

No cômputo de ocorrência *com variação* (tabela 02), o perfil de monitoramento, de intimidade ou de polidez manifestado pelo comportamento linguísticos dos alunos segue a mesma tendência da tabela 01(cujo cômputo, por exemplo, elencou, a título de esclarecimentos, apenas o número de ocorrência de palavras grafadas “incorretamente” sem quantificar, todavia, aquelas escritas conforme a ortografia oficial). Nesta tabela, categoricamente o uso de gírias, internetês, abreviação; diminutivo, aumentativo, superlativo; desvios ortográficos e interjeição são mais evidentes na constituição do discurso informal.

¹ O número 63 é o número total para os dois tipos de carta. Na tabela 2, o número após as barras revela o total de ocorrência do aspecto quantificado na carta ao ou na carta ao diretor (separadamente).

Essas regras de organização, no plano da materialização dos discursos, obedecem a regras que ditam um comportamento adequado do enunciador em relação ao contexto e/ou ao outro. Logo, nos *níveis de tensão* aqui recortados (01: uso de gírias, internetês, abreviações; 02: ortografia) fica evidente como o emissor se utiliza de 95.23% de expressões tradicionalmente tidas como informais; no nível 02, das 29 ocorrências de desvios ortográficos, 75.86% deles se manifestam no discurso informal (cabe lembrar que discurso em toda análise equivale a texto e/ou uso da linguagem), embora, deve-se salientar, que no discurso formal essa *predisposição* seria mais natural, visto que o repertório linguístico exigido socialmente, algumas vezes utilizado na carta ao diretor, seria pouco comum àquele utilizado dos alunos em suas práticas discursivas orais e escritas, como “solicitar”, “autorizar”, “cordialmente”, “profissionais”, “atenciosamente”, “excelência”. O mesmo procedimento, os alunos tiveram quanto ao uso das *marcas de expressividade* (interjeição), uma vez que 100% delas constituíram apenas as cartas dirigidas aos colegas de sala (discurso predominantemente informal).

Entre as cinco características elencadas por (LEITE, 2009, p. 118, grifo meu), a respeito do gênero carta pessoal, a autora cita o fato de que “[...] d) [...] ela [a carta] se realiza por meio de *uma linguagem comum*; e) indefinida quanto à norma linguística, pois é *um gênero que ‘aceita’ qualquer norma, a depender das possibilidades do usuário*”. É preciso que o aluno se iguale aparentemente através da linguagem, como estudioso e, conseqüentemente, como conhecedor do discurso educacional para que o diretor leia com interesse e respeito sua carta. (MARCUSCHI, 2008, p.38, grifo meu), sobre o mesmo gênero, destaca que “há gêneros que se aproximam mais da oralidade pelo tipo de linguagem e pela *natureza das relações entre os indivíduos*, por exemplo, as cartas íntimas e pessoais. Isso não ocorre no caso das cartas comerciais ou cartas abertas”. Dito dessa forma, tanto aquela quanto este ressaltam a interferência da oralidade no gênero em análise, em especial, o gênero carta. Porém, mais do que as características intrínsecas a esse gênero textual, a “interferência da oralidade” parece mais motivada pela “natureza das relações entre os indivíduos” e dos tipos de discursos, já que, entre as variáveis controladas neste trabalho para averiguar o *nível de monitoramento coletivo* da amostra, ficou evidente que o conhecimento ou avaliação da variante culta “nós” predominou nos textos escritos ao diretor com 97.14% em oposição aos 60% das ocorrências contabilizadas nas cartas aos colegas. Sobre essa constância no uso do “nós” em ambos os discursos, (FAIRCLOUGH, 2001, p.124) salienta “que a ordem do discurso rearti-

culada é contraditória: elementos autoritários coexistem com elementos democráticos e igualitários [...] o pronome ‘nós’ coexiste com o uso de ‘você’ como pronomes indefinido”. Quanto ao uso da expressão “vou”, seja como verbo pleno, seja como auxiliar em equivalência semântica a “irei” (irá, iremos etc.), o mesmo monitoramento se destaca em relação às cartas cujo remetente era o diretor: 84.21% (uso da *construção sintética* indicando futuro em oposição a 15.78% da escolha de “vou”); nas cartas direcionadas aos colegas, o índice fora menos na utilização da estratégia sintética: 77.77% em contraste com os 22.22% de escolha do “vou”.

A interferência das “relações entre os indivíduos” é mais evidente ainda quando o cômputo se desloca da espera das escolhas especificamente morfológicas para a utilização do léxico ou até mesmo da morfologia comprometida com o *nível de intimidade entre os interlocutores*, pois 90% das estratégias de despedida direcionadas ao diretor tinham natureza pouco íntima: “atenciosamente” (6); “cordialmente” (2); “agradecido” (1) e apenas uma ocorrência registrava um pouco mais de intimidade: “abraços”; 95.34% de pronomes de tratamento de natureza não íntima surgiram no discurso formal; mas a caráter formal do discurso se revela sobretudo, no uso de 100% de todas as ocorrências de aumentativo, diminutivo e superlativos apenas nas cartas aos colegas.

O nível de interação pode ser motivado também pela *relação de poder ou intimidade* entre os interlocutores. Como último dado da análise, o uso do modo imperativo (em oposição a expressões polidas como, “por favor”, ou até mesmo do imperativo com um tom mais educado) apresentou um número categórico de 100% nas cartas escritas aos colegas. Porém, este número se reduz a 66.66% quando o interlocutor é alguém de *status* social relevante como o diretor de um *campus* universitário, é desconhecido do remetente e, não se pode negligenciar, o fato de que o teor da correspondência seja pedido.

Em uma das cartas, porém, um número significativo de elementos que são tidos como formais e/ou padrão compuseram a carta ao colega. Todavia, o texto da carta trazia xingamentos como “viado” etc. Fica evidente, assim, que nem só o gênero textual manipula o comportamento linguístico culto de um enunciador, mas também sua necessidade de distanciamento mediante um discurso constituído ora por formalidade, ora por desprezo, etc. (ERVING; GOFFMAN, 2002, p. 13) ressalta a importância de considerar-se a situação social (contexto) como determinante na *interação entre as pessoas*. O importante para a análise do comportamento linguístico, nessa nova abordagem, não é a variável em si (gênero, i-

dade, escolaridade, condição social etc.), mas principalmente, o reconhecimento dos *valores sociais* que ela tem, sendo de tal forma “manipuladores” da relação entre os interlocutores no ato da comunicação.

5. Considerações finais

Ao controlar e analisar algumas variações linguísticas e outros elementos dos textos da amostra, este trabalho buscou relacionar comportamento linguístico, relação de poder ou interação para tratar de variáveis comuns, sobretudo, aos estudos sociolinguísticos. Porém, esta abordagem associada a noções e/ou conceitos do discurso (como uso da linguagem, texto) não se propôs apenas à mudança de nomenclatura: estilo (in)formal por discurso (in)formal. Trata-se, principalmente, de uma questão conceitual, uma vez que o estilo não está para o discurso, ele é parte intrínseca deste.

“A linguagem não está ligada à ação ou ao outro, ela é a própria ação. A linguagem incorpora o outro e as circunstâncias sociais da interação com seus elementos constitutivos” (MORATO, 2007, p. 340). Por ser “a própria ação”, a linguagem (variação linguística, enquanto tal) está intrinsecamente ligada ao processo denominado discurso. Portanto, a variação linguística, assim como a metáfora, citações, figuras de sintaxe, etc. (já estudadas, em especial, pela AD e pela Argumentação) é tão significativa quantos estes últimos na constituição dos discursos.

Neste trabalho, ficou comprovada a relação entre variação linguística e/ou escolhas lexicais e interação como manipuladores dos comportamentos linguísticos dos informantes na *constituição formal* do discurso (in)formal ou misto, uma vez que essas escolhas têm previamente uma avaliação da sociedade e produzem sentidos e/ou efeitos distintos conforme a organização do discurso pelo sujeito dentro de suas práticas sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Arte de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?:* sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio: Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: GARCEZ, Pedro M.; RIBEIRO, Branca Telles (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. Tradução: Beatriz Fontana et al. São Paulo: Loyola, 2002.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. In: GARCEZ, Pedro M.; RIBEIRO, Branca Telles (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. Tradução: Beatriz Fontana et al. São Paulo: Loyola, 2002.

LEITE, Marli Quadros. A carta pessoal: metodologia e análise. In: GIL, Beatriz Daruj et al. *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

LYONS, John. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Tradução: Marilda Winkler Averborg, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008

MORATO, Edwiges Maria. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 311- 352, vol. 3.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimento*. 7 ed. Campinas: Pontes, 2007.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.